

A IRONIA DE SÓCRATES ENTRE KIERKEGAARD E HEGEL

Nathan Ramalho Santos¹

Resumo:

Buscamos, nesse texto, compreender a concepção kierkegaardiana da ironia de Sócrates a partir da sua obra *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*. O ponto central que pretendemos chegar é a de que Kierkegaard desenvolveu uma imagem da ironia socrática bem diferente da que se apresentava na tradição, rompendo principalmente com a concepção desenvolvida por Hegel. Palavras-chave: Hegel; Sócrates; Kierkegaard.

LA IRONÍA DE SÓCRATES ENTRE KIERKEGAARD Y HEGEL

Resumen:

En este texto, buscamos comprender la concepción kierkegaardiana de la ironía de Sócrates a partir de su obra *El concepto de ironía se refería constantemente a Sócrates*. El punto central al que pretendemos llegar es que Kierkegaard desarrolló una imagen de la ironía socrática muy diferente a la presentada en la tradición, rompiendo principalmente con la concepción desarrollada por Hegel.

Palabras Clave: Hegel; Sócrates; Kierkegaard.

THE IRONY OF SOCRATES BETWEEN KIERKEGAARD AND HEGEL

Summary:

In this text, we seek to understand the Kierkegaardian conception of Socrates' irony from his work *The concept of irony constantly referred to Socrates*. The central point that we intend to reach is that Kierkegaard developed an image of Socratic irony that was very different from the one presented in the tradition, breaking mainly with the conception developed by Hegel.

Keywords: Hegel; Socrates; Kierkegaard.

¹ Graduado em Filosofia pela Universidade Federal Fluminense

O sistema é infinitamente bem falante e a ironia infinitamente silenciosa.

Kierkegaard

Quem pretende penetrar na obra do dinamarquês Søren Kierkegaard deve considerar que sua dissertação *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, defendida na Universidade de Copenhague, tem um papel fundamental. Essa dissertação é o primeiro texto relevante do jovem Kierkegaard, que viu em Sócrates a primeira representação clara da ironia, ao ponto de dizer que, analogamente a Cristo, que o evangelho de João afirma ser o verbo encarnado que habitou entre nós, Sócrates seria a encarnação da ironia que habitou entre nós. O ateniense, então, se tornou o ponto de partida fenomenológico que o dinamarquês usou para a formulação do seu conceito de ironia.

No período de vida de Kierkegaard (1813 – 1855) o hegelianismo era a corrente de pensamento imperante. E, por isso, o pensamento do filósofo de Copenhague está em muitos momentos em diálogo com Hegel (1770 – 1831). Não caberia a esse estudo destrinchar essa

1

relação no todo da obra do dinamarquês, pois excederia o tema proposto e tratar-se-ia de um trabalho delicado e problemático, dada a controvérsia que há muito tempo existe em torno dessa relação. Apenas como demonstração dessa controvérsia, vemos, por exemplo, Álvaro Valls, tradutor da obra *O conceito de ironia*, em seu artigo *Hegel no pós-escrito de Kierkegaard, hoje no Brasil*, relatar que na interpretação de Niels Thulstrup

Kierkegaard combatia Hegel como inimigo figadal, sem conhecer a fundo seu pensamento. Acrescentava-se a lenda de que Kierkegaard se formara numa universidade cheia de hegelianos, passando, é claro, por uma breve fase de influências germânicas, bem visíveis na Dissertação sobre a ironia, mas logo superadas e transformadas em combate de ideias e sarcasmos, culminando no Pós-escrito de 1846. (VALLS, 2011, p. 70)

E por outro lado, que na interpretação de Jon Stewart

no fundo, Kierkegaard não seria bem contra a filosofia de Hegel, mas só contra as deturpações pelos discípulos dinamarqueses. Em última análise: nem partilhava do mesmo conceito de filosofia de Hegel. Quase se percebe, em Stewart, a suspeita de que filósofo de verdade era só Hegel, e que a polêmica dos anos 40 se devia em boa parte à inveja ou a outros sentimentos menos nobres de Kierkegaard. (VALLS, 2011, p. 71)

A partir desses exemplos já fica clara a existência de uma dificuldade de interpretar a relação que existe entre esses dois filósofos. Por isso, deter-nos-emos em compreender aqui as críticas feitas por Kierkegaard à concepção hegeliana de Sócrates e da ironia socrática. Não nos interessa também tratar aqui da discussão feita por Kierkegaard em torno da ironia romântica com Fichte, Schlegel, Tick e Solger e a crítica hegeliana a ela, elaborada na segunda parte da dissertação. Buscamos compreender a concepção hegeliana de Sócrates e sua ironia e como a concepção kierkegaardiana surge de uma forma crítica a ela.

Sócrates na concepção de Hegel

Hegel expõe o modo como ele compreende Sócrates e sua ironia, principalmente, em suas *Lições sobre a História da Filosofia*, em *Lições sobre a Filosofia da História Universal* e em *Princípios da Filosofia do Direito*. E um dos pontos básicos para se compreender Sócrates, segundo o filósofo alemão, é vê-lo como *fundador da moral*. Ele corrobora a ideia tradicional de que os filósofos anteriores a Sócrates trataram apenas de investigar a natureza, enquanto que Sócrates introduziu a ética, dizendo que “as histórias antigas da filosofia destacam, como um dos méritos de Sócrates, o fato de ele haver introduzido a ética como um novo conceito da história da filosofia, que até então somente se ocupava de investigar a natureza” (HEGEL, 1985, p.42). Para ele, a ênfase dos pré-socráticos estava no estudo da natureza, a de Sócrates na ética, enquanto que Platão focaria na dialética, remontando à concepção de Aristóteles, exposta no livro I da *Metafísica* (ARISTÓTELES, 2005, p. 35-37).

Porém, com relação a essa ruptura efetuada por Sócrates, introduzindo a ética no pensamento filosófico grego, Hegel faz uma distinção importante entre dois conceitos: o de *eticidade* (*Sittlichkeit*) e o de *moralidade* (*moralität*). Para ele, eticidade é o que havia nos cidadãos da democracia grega, estando mais próximo da ideia de costume ou hábito. Já a moralidade seria o recolhimento interior do homem, a ação regida pela reflexão sobre a própria ação, ou ainda a superação da inocência, fazendo com que surja assim, a consciência da própria ação. Assim, como diz o próprio Hegel:

Sócrates celebrizou-se como mestre de moral; em realidade é o descobridor da moral. Ele proclamou a supremacia do pensamento, o determinante. Os gregos tinham eticidade, mas Sócrates se propôs a lhes ensinar as virtudes, os deveres morais que tem o homem. O homem moral não é o que quer e faz

justiça; não é o homem inocente, mas sim o que tem consciência de sua ação. (HEGEL, 1989. p, 485).

Assim, Hegel via Sócrates como aquele que, por causa da moralidade, trouxe um novo princípio para o povo ateniense. E por tal motivo atribuiu a ele a figura de *herói*, dizendo que

Sócrates é “o herói que se faz forte no direito absoluto de um espírito seguro de si mesmo e de sua razão, na consciência chamada a decidir de si, que proclama, portanto, com plena consciência do que faz, o princípio superior do espírito.” (HEGEL, 1985, p. 95). Mas Hegel não o caracterizou simplesmente como um herói, pois dada as circunstâncias da morte de Sócrates, o filósofo alemão o considerou um herói trágico:

Tal é sempre a posição e o destino dos heróis na história universal: que fazem nascer um mundo novo cujo princípio se acha em contradição com o mundo anterior e o desintegra: os heróis aparecem, pois, como a violência que infringe a lei. Perecem, no individual; porém perece somente o indivíduo, não o princípio nele encarnado, que a pena imposta àquele não alcança em destruir [...]. Elimina-se a forma falsa da individualidade, e além do mais, violentamente; mediante um castigo, porém, o princípio mesmo se abre passagem, se bem que em outra forma, e se eleva ao princípio do Espírito do Mundo. (HEGEL, 1985, p. 96)

A partir disso, Hegel entende que esse novo princípio que Sócrates trouxe ao mundo, que está em contradição com o mundo anterior, “consiste, pois, em que o homem descubra, a partir de si mesmo, tanto o fim de seus atos como o fim último do universo, em que ele chegue através de si mesmo à verdade” (HEGEL, 1985, p. 41). Assim, esse novo princípio socrático não traz somente a moralidade em contraposição à eticidade grega, mas outra característica que Hegel considera essencial ao pensamento socrático, que é a *subjetividade*. Para Hegel, foi o pensamento socrático que pôs de modo muito mais claro e profundo a subjetividade, fazendo nascer um mundo novo a partir desse novo princípio. Mas não é possível compreender o que Hegel entende por subjetividade conforme ela se desenvolveu em Sócrates sem tratar do famoso demônio ou gênio socrático.

Segundo o filósofo alemão, o demoníaco, conforme aparece em Sócrates, surge em um momento específico da cultura grega. Esse momento não habitava simplesmente em uma eticidade, como foi descrito anteriormente, mas em uma “eticidade ingênua”. Isso, porque os indivíduos não procuravam nenhuma determinação sobre si mesmo. As leis figuravam como sanção dos deuses, validadas

pela tradição, e por isso, elas mesmas determinavam o indivíduo de forma geral. Quando havia casos particulares em que a lei não apresentava especificidade para determinar, os gregos sempre recorriam a algo externo a eles mesmos, como aos oráculos oficiais, por exemplo, a pitonisa, ao voo ou gritos de pássaros, a consultas às entranhas de animais sacrificados etc. No entanto, com o surgimento de Sócrates no cenário social ateniense, surge com ele uma outra forma, um novo princípio de determinação, o demônio socrático. Esse demônio é de alguma forma um oráculo, pois sempre revela algo a Sócrates, dizendo o que ele tem de fazer ou não fazer. Porém, não se trata de um oráculo tradicional, mas um pessoal, exclusivo de Sócrates. Ainda é exterior a Sócrates, pois não é o mesmo que a sua opinião ou sua convicção, mas, segundo Hegel, é algo de inconsciente, pelo qual Sócrates é movido. Por isso, já se trata de algo subjetivo. Nas palavras de Hegel, “o demônio está, por conseguinte, no meio entre o exterior do oráculo e o puramente interior do espírito; ele é algo de interior, mas de tal maneira que é representado como um gênio pessoal, distinto da vontade humana” (HEGEL, 1985, p. 77). Por causa disso, o demônio se apresenta, na concepção de Hegel, como um momento de transição entre essa eticidade do povo grego, com sua relação exteriorizada do oráculo, para uma interioridade plena de liberdade. Apresentando aí um novo ponto de vista, frente à cultura grega, indicando o nascimento, não só da moralidade, mas de uma consciência subjetiva.

Esse aspecto da subjetividade trazida pelo pensamento de Sócrates é essencial para a história universal, segundo Hegel. Porém, ele não valoriza esse pensamento subjetivo, pois para ele “o pensamento verdadeiro pensa de tal modo que seu conteúdo não é subjetivo, mas sim objetivo.” (HEGEL, 1985, p. 41). Pois somente a partir da objetividade é possível articular o pensamento racional e filosófico. E, para ele, Sócrates não se limitou ao subjetivo e à consciência de si, mas avançou também para um pensamento objetivo. Pois “Sócrates sabia que a ciência e a arte não brotam dos mistérios e que a sabedoria jamais ocorre no secreto.

Antes, a verdadeira ciência está no campo aberto da consciência” (HEGEL, 1989, p. 428429). E em certo aspecto o pensamento socrático também apresentava algo de especulativo.

Como diz Hegel:

Sua filosofia, como aquela que situa a essência na consciência como algo geral, não é, em realidade, uma verdadeira filosofia especulativa, mas sim

uma ação individual; contudo tinha como meta, evidentemente, chegar a instituí-la como uma ação de validade universal. (HEGEL, 1985, p. 46)

E o que há de universal e objetivo, alcançado pelo especulativo, no pensamento socrático, segundo Hegel, é o *Bem*, o “puramente em si”. Para ele, a teoria socrática é uma teoria ética em que predomina o subjetivo, que leva em conta as intenções, os critérios pessoais, mas que também necessita postular uma determinação que parta de algo que seja eterno e em-si e para-si, que para Sócrates é o Bem.

Apesar de apresentar um pensamento com os aspectos que foram descritos anteriormente, Hegel afirma que o pensamento do filósofo ateniense não foi desenvolvido sistematicamente. O que significa que ele não produziu um sistema, e por isso não chegou propriamente a fazer filosofia. Pois para Hegel fazer filosofia é o mesmo que produzir sistema. O que Sócrates fazia, então, era um pensamento não-sistemático, elaborado em torno da maiêutica e da ironia. Segundo Hegel:

Sócrates ensina para aqueles com quem dialoga a se darem conta de que nada sabem; mais ainda, o mesmo diz que não sabe nada de nada e que não se propõe, portanto, a ensinar nada. E pode-se afirmar, em verdade, que Sócrates não sabia nada, pois não chegou sequer a desenvolver sistematicamente uma filosofia. Tinha plena consciência disso e jamais se propôs como finalidade chegar a ter uma ciência. (HEGEL, 1985, p. 53)

Chegamos agora na questão sobre o método do pensamento socrático, como ele se dava e era exercido. Para Hegel, já existia em Sócrates algo como um método dialético, como é geralmente visto nos diálogos de Platão. Primeiro eram expostos os argumentos dos interlocutores de Sócrates, para depois Sócrates mostrar a inconsistência de tais argumentos. Ele abalava os fundamentos das falas dos seus interlocutores, fazendo com que eles chegassem a um novo fundamento. Esse processo era perpassado, segundo o filósofo de

Berlim, por uma *ignorância fingida*, afirmando que “para obrigar os outros a expô-las, [Sócrates] finge ignorá-las; dando ares de inocência, formula perguntas a seus interlocutores como se quisesse aprender deles, quando realmente quer testá-los” (HEGEL, 1985, p. 52). É essa atitude socrática, no modo de praticar sua filosofia, que Hegel considera ser a ironia de Sócrates. Como ele mesmo diz:

É esta a famosa ironia socrática, que não é senão um modo especial de comportar-se no trato de pessoa para pessoa; é, por assim dizer, uma forma subjetiva da dialética unicamente, enquanto a dialética versa sempre sobre os fundamentos da própria coisa. (HEGEL, 1985, p. 52)

Assim, a ironia socrática, para Hegel, se resume a uma ignorância fingida, que é um modo de comportamento na relação pessoal, uma maneira ou recurso para lidar com um interlocutor, com a pretensão de impulsionar um movimento dialético, que visa fazer com que alguns conceitos se revelem à consciência. Na fala do próprio Hegel:

A ironia socrática encerra, pois, um fator de verdade, enquanto tende a tornar concretas as representações puramente abstratas e a impulsionar seu desenvolvimento, pois o de que se trata é, pura e simplesmente, fazer com que o conceito se revele à consciência. (HEGEL, 1985, p. 54)

Ou ainda, em *Princípios da Filosofia do Direito*, Hegel diz:

a ironia era a palavra usada por Platão, que a empregava, em conformidade com o método de Sócrates, quando este, numa conversa pessoal, a aplicava em defesa da justiça e da verdade contra a imaginação da consciência inculta ou sofista. A ironia constitui apenas um matiz da conversa entre pessoas. (HEGEL, 2003, p. 136)

Outro aspecto da ironia, essencial nas considerações de Hegel, é o fato de ela ser *negativa*. A conclusão de Kierkegaard ao analisar os escritos de Xenofonte, Platão e Aristófanes sobre Sócrates foi a de que a ironia é negativa. E ele não nega que quem disse isso primeiro foi Hegel. Pois assim ele escreveu sob o pseudônimo Vigilius Haufniensis em *O Conceito de Angústia*:

A própria ironia já foi definida desse modo como sendo o negativo. O primeiro inventor desta explicação foi Hegel, o qual, por estranho que pareça, não entendia muito de ironia. Que tenha sido Sócrates que introduziu a ironia no mundo e deu nome à criança [...] com tais coisas ninguém se preocupa. Por ocasião desse ou daquele fenômeno casual, trazem à baila esta palavra, e é isto então ironia. (KIERKEGAARD, 2010, p.142)

E Hegel mesmo disse em *Lições da História da Filosofia* que o resultado do trabalho de Sócrates era “um resultado totalmente formal e negativo, que consiste em levar os interlocutores de Sócrates ao convencimento de que, crendo conhecer perfeitamente o objeto de que se trata, têm de chegar à conclusão de que o que sabiam havia sido refutado.” (HEGEL, 1985, p. 58). Porém, o que caracteriza a diferença do pensamento de Kierkegaard em relação ao pensamento de Hegel é a definição que cada um desses pensadores dá do conceito de negação. E pode-se dizer que aqui está o ponto central da diferenciação do conceito de ironia para Kierkegaard e para Hegel. Hegel entende a negação, no seu sistema dialético, como a força propulsora que coloca tudo em movimento. Por isso, essa negação tem um

aspecto positivo em relação àquilo que ela nega, pois aquilo que ela nega não é aniquilado, mas é conservado para o desenvolvimento. Assim, existe algo de positivo na negação, sendo a negação apenas um momento do desenvolvimento dialético. Nesse sentido, a ironia é negativa, enquanto não afirma nada positivamente, mas fomenta o desenvolvimento dialético, visando algo positivo. Kierkegaard entende que a ironia não nega visando algo positivo, mas se mantém na negação, chegando ao conceito final de que a ironia é uma negatividade infinitamente absoluta, que trataremos de explicitar agora.

Sócrates na concepção de Kierkegaard

A análise que Kierkegaard empreendeu dos textos de Xenofonte, Platão e Aristófanos, que foram as suas fontes para conhecer o Sócrates histórico, permitiu que ele formulasse a crítica à concepção do Sócrates de Hegel. Embora longa, esta citação nos ajudará a compreender a crítica realizada por Kierkegaard e a sua própria concepção:

A dificuldade que está ligada à produção de uma certeza a respeito do fenomenal na existência de Sócrates não preocupa Hegel. Ele simplesmente ignora tais cuidados miúdos [...]. Em sua exposição de Sócrates na História da Filosofia, embora ele mesmo observe que, a respeito de Sócrates, a questão não é tanto de filosofia quanto de vida individual, não se encontra absolutamente nada para o conhecimento da relação entre as diversas concepções contemporâneas de Sócrates. Ele utiliza um único diálogo de Platão como exemplo do método socrático sem no entanto dizer porque escolheu exatamente este. Utiliza de Xenofonte, a Memorabilia e a Apologia assim também como a Apologia de Platão, sempre sem mais nem menos. Ele não dá importância para as impugnações e nem mesmo os esforços de Schleiermacher por ordenar os diálogos platônicos de tal modo que uma ideia grandiosa se movimente através deles em sucessivos desdobramentos [...]. Todas essas coisas são para Hegel esforço perdido, e logo que os fenômenos estejam preparados para a parada, ele não só tem pressa como também está demasiado consciente da importância de sua posição de general comandante da história universal, para poder distrair o olhar imperial com que ele os passa em revista. Se deste modo ele se livra de preocupações com muitos detalhes, acaba entretanto perdendo um ou outro aspecto que seria um momento necessário para uma exposição totalmente completa. (KIERKEGAARD, 1991, p. 170)

Kierkegaard aponta a ineficiência das análises de Hegel, a partir das fontes utilizadas por ele. Com isso, o filósofo alemão, segundo Kierkegaard, teve dificuldade de obter uma apreensão adequada do fenômeno Sócrates, acarretando uma concepção incompleta e deficiente.

O ponto central de divergência, que vai surgir, entre o dinamarquês e o alemão está na compreensão do papel do *negativo*. Para Kierkegaard, Sócrates e sua ironia não passam de uma negatividade, fazendo com que o dinamarquês critique toda vez que Hegel assumir alguma positividade em sua compreensão de Sócrates. Um exemplo é o caso do demônio. Kierkegaard entende, concordando com Hegel, que os cidadãos gregos viviam em uma eticidade, na qual não buscavam nenhuma determinação sobre si mesmos, e que as leis eram a sanção dos deuses, sendo o Estado a própria realidade. O demoníaco em Sócrates seria o momento de transição entre a “relação exterior do oráculo para o indivíduo e a interioridade plena de liberdade” (KIERKEGAARD, 1991, p. 131). Mas ao analisar os casos em que aparece o demônio socrático nos textos de Platão, Kierkegaard percebe que o demônio somente adverte Sócrates, ordena não fazer, impede, e por isso, é inteiramente negativo.

Como demonstra esta fala de Sócrates na *Apologia*: “uma inspiração que me vem de um deus ou de um gênio, da qual Meleto fez caçoada na denúncia. Isso começou na minha infância; é uma voz que se produz e, quando se produz, sempre me desvia do que vou fazer, nunca me incita.” (PLATÃO, 1972, p. 16).

Segundo Kierkegaard, o demoníaco (e portanto a subjetividade) em Sócrates opera uma cisão, através de uma atividade inteiramente negativa, entre a interioridade e a exterioridade, entre a subjetividade e a objetividade. Assim, ele interpreta a famosa proposição socrática “conhece-te a ti mesmo” de forma negativa, afirmando que ela significa apenas “separa a ti mesmo do outro” (KIERKEGAARD, 1991, p. 140). Esse outro ele entende como o próprio Estado. Aqui Kierkegaard está alinhado com Hegel e sua compreensão do Estado que existia na época de Sócrates. Para Hegel, antes de Sócrates não havia a separação entre a subjetividade e a objetividade. Com isso, o Estado e seus costumes figuravam como a verdadeira realidade. Assim, o indivíduo ético, que faz suas próprias escolhas e tem suas próprias crenças com uma subjetividade desenvolvida, só pode surgir separando-se do outro (Estado). Por isso, Hegel diz:

O Estado terá perdido sua força, que consistia na continuidade do espírito geral, não interrompida pelos indivíduos, de tal modo que a consciência individual não conhecia outro conteúdo nem outra essência senão a lei. Os costumes perderam firmeza, desde o momento que passou a existir a perspectiva de que cada homem poderia crer em suas máximas especiais de vida. Dizer que o indivíduo deve cuidar de sua própria moralidade vale tanto como dizer que se converta em indivíduo ético: cessam os costumes públicos e, ao mesmo tempo, aparece o *ethos*. Ambos os fenômenos se condicionam e se complementam. (HEGEL, 1985, p. 62)

O que ocorreu, segundo Kierkegaard, foi que “a subjetividade com seu poder negativo quebrou o feitiço sob o qual transcorria a vida humana submetida à forma de substancialidade” (KIERKEGAARD, 1991, p. 131). Essa substancialidade era a forma de relação dos indivíduos com o Estado, como também com os deuses. Pois, segundo Hegel, “a lei do Estado era considerada como a vontade dos deuses” (HEGEL, 1985, p. 61). Por isso, tanto o Estado, quanto os deuses, existiam de forma substancial para os indivíduos da sociedade grega. Assim, para Kierkegaard, conhecer a si mesmo, conforme Sócrates ensinou, é fundar uma subjetividade, separando-se desse outro.

Kierkegaard também discorda até certo ponto com Hegel, quando este afirma ser Sócrates o fundador da moral. Pois o filósofo dinamarquês somente concorda com Hegel enquanto ser fundador da moral não implicar algo positivo. O problema é que o filósofo alemão, ao tratar Sócrates como fundador da moral, afirma que ele desenvolveu uma concepção do *Bem*. Kierkegaard discorda e acredita que Sócrates até chegou a uma ideia de *Bem*, de forma infinitamente abstrata, chegando, dessa forma, ao universal do *Bem* como negativo e, por isso, não desenvolveu uma concepção deste. Sendo o *Bem* socrático totalmente abstrato e negativo, o próprio Hegel não o compreendeu, como afirma Kierkegaard:

Hegel, para mostrar Sócrates como fundador da moral, concentra sua concepção de Sócrates unilateralmente sobre esse ponto. O que ele pretende atribuir a Sócrates é a ideia do bem, mas com isso ele se embarça quando precisa mostrar como Sócrates concebe o bem. (KIERKEGAARD, 1991, p. 178)

Kierkegaard também critica a concepção de Hegel segundo a qual Sócrates é um *herói*, sendo aquele que trouxe um novo princípio frente ao espírito da sociedade ateniense, como dito anteriormente. Novamente Kierkegaard somente concorda com Hegel enquanto essa afirmação não tiver alguma positividade. Para ele, Sócrates não trouxe exatamente um novo princípio, mas apenas permitiu o aparecimento dele ao negar a realidade grega. Somente com a sua negação foi possível aparecer esse novo princípio, sendo Sócrates, assim, responsável pelo novo princípio, mas sem produzir nada de positivo. O que caracteriza também a negatividade socrática de forma irônica é o fato de ela negar a realidade grega, permitir o nascimento de um novo princípio, mas não produzir uma nova realidade de fato, de forma positiva. Mas apenas abrir a possibilidade de uma nova realidade.

Um dos fatores que demonstram para Kierkegaard que Sócrates não produziu nada de positivo é a diversidade de escolas filosóficas que se reconheciam como socráticas. A partir de Sócrates, surge uma variedade de escolas que não possuem um fundamento doutrinário comum. Isso somente confirma, para Kierkegaard, que Sócrates não produziu nada positivamente, que todo seu trabalho filosófico foi puramente negativo e, por isso, seus seguidores não tiveram fundamento algum para desenvolverem suas próprias filosofias.

Com relação aos sofistas, Kierkegaard acreditava que eles também incitaram de alguma forma uma subjetividade no mundo grego. Isso quer dizer que eles apresentavam um saber variado que despertava a reflexão e que de alguma forma fazia com que os cidadãos fossem “arrancados da eticidade substancial” (KIERKEGAARD, 1991, p. 158-159). O problema visto pelo dinamarquês é que eles pretendiam ensinar aquilo que ele chama de *cultura geral*, havendo assim uma positividade. Como ele explica:

O que eles pretendiam ensinar aos homens era, numa palavra, *cultura geral*, não tanto o conhecimento nas ciências particulares, e o ‘anúncio’ de Protágoras recorda muito a advertência mefistofélica contra os estudos das faculdades no *Fausto* de Goethe. Com efeito, Protágoras garante que a juventude não precisa ter medo de que ele, de maneira análoga aos sofistas, a faça contra a vontade retornar aos estudos que ela queria justamente evitar. Ele não queria, portanto, ensinar-lhes aritmética, astronomia etc., não, ele queria fazer deles homens cultos, queria dar-lhes o ensinamento adequado, para se tornarem políticos capazes e homens não menos capazes em suas vidas privadas. (KIERKEGAARD, 1991, p. 159)

Em meio a essa *cultura geral* ensinada pelos sofistas, totalmente positiva em seus ensinamentos, Kierkegaard acredita que Sócrates era, através da ironia, o *negativo*. Isto é, ele removia as bases do pensamento sofístico e não colocava nada no lugar, nenhuma positividade. Era inteiramente negativo, fazendo com que Kierkegaard concluísse que

Sócrates em sua relação com o subsistente era completamente *negativo*, que ele flutuava, em satisfação irônica, por sobre todas as determinações da vida substancial; também se mostrou que ele, em relação à positividade que os sofistas afirmavam e que procuravam amarrar com uma multiplicidade de razões e tornar algo de subsistente, mais uma vez se relacionava negativamente e se sabia por cima dela em liberdade irônica. Todo o seu ponto de vista se arredonda portanto naquela negatividade infinita. (KIERKEGAARD, 1991, p. 168)

Assim, já fica perceptível o que marca a diferença existente entre a compreensão hegeliana da ironia socrática exposta no tópico anterior e a kierkegaardiana, sendo a ironia na concepção hegeliana apenas uma estratégia de Sócrates, um método, uma maneira de lidar com seu interlocutor, ao passo que na kierkegaardiana ela é o próprio ponto de vista de Sócrates. Como o fato de que também a negação hegeliana sendo apenas uma propulsão ao movimento dialético, que logo será apenas um momento que dará lugar a algo positivo. Ao passo que a negação kierkegaardiana não nega para em algum momento pôr algo no lugar do que foi negado, e também sem preocupação com o desenvolvimento. Sendo apenas uma negação com “fim em si” (KIERKEGAARD, 1991, p. 173) e não “imaneente a nenhuma positividade” (KIERKEGAARD, 1991, p. 173).

Vemos assim que tanto pela análise dos textos de Xenofonte, Platão e Aristóteles, quanto pela contribuição feita pelas análises de Hegel e a crítica realizada a este, Kierkegaard chega finalmente ao conceito de que a ironia é uma *negatividade infinitamente absoluta*, sendo Sócrates essa figura que encarnou essa ironia, sendo totalmente irônico e inteiramente negativo:

Aqui temos então a ironia como a negatividade infinita absoluta. Ela é negatividade, pois apenas nega; ela é infinita, pois não nega este ou aquele fenômeno; ela é absoluta, pois aquilo, por força de que ela nega, é um mais alto, que contudo não é. A ironia não estabelece nada; pois aquilo que deve estabelecer está atrás dela. (KIERKEGAARD, 1991, p. 226-227)

Referencias

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Vol. II. Tradução de Giovanni Reale. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

HEGEL, G. W. F. *Lecciones sobre la filosofía de la historia universal*. Tradução de José Gaos, prólogo de José Ortega y Gasset. Madrid: Alianza Editorial, 1989.

HEGEL, G. W. F. *Lecciones sobre la historia de la filosofía vol. II*. Tradução de Wenceslao Roces. México: Fondo de cultura económica, 1985.

HEGEL, G. W. F. *Princípios da Filosofia do Direito*. Tradução de Orlando Vitorino. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KIERKEGAARD, S. A. *O conceito de Angústia*. Tradução de Álvaro Luís Montenegro Valls. Petrópolis: Vozes, 2010.

KIERKEGAARD, S. A. *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*. Tradução de Álvaro Luis Montenegro Valls. Petrópolis: Vozes, 1991.

PLATÃO. *Defesa de Sócrates*. Tradução de Jaime Bruna. In: Col. "Os Pensadores". São Paulo: Abril Cultural, 1972.